

TREVISAN, Armindo. *A dança do fogo*. Porto Alegre: Uniprom, 1995. 111p.

A grande poesia é sempre transitiva. Gera e alimenta uma tradição: costuma migrar de poeta para poeta, de obra para obra, de literatura para literatura. Em seu mais recente livro, *A dança do fogo*, o gaúcho Armindo Trevisan se deixa contaminar pela poesia bíblica do *Cântico dos cânticos* e pelas suas ressonâncias na tradição literária luso-brasileira. O livro divide-se em duas partes, *A luz do corpo* e *Grinalda de eros*. A primeira é constituída de 60 poemas e teve o título extraído do verso de Manuel Bandeira utilizado como uma das epígrafes do volume ("Mas o corpo, a luz do corpo?..."), ao lado de um trecho do *Evangelho segundo São Mateus* e outro de um poema do grego Yiánnis Ritsos. A segunda parte divide-se em três "ciclos" de proporções irregulares, variando de cinco a quinze poemas: *Ciclo da colina*, *Ciclo dos lábios* e *Ciclo da lâmpada*. A escolha do termo "grinalda" para designar a seção assinala, antes mesmo da leitura dos poemas, a guinada neoclássica do autor, que volta ao verso tradicional (especialmente ao decassílabo) depois de experimentar o verso livre nas últimas décadas.

Como o *Cântico dos cânticos*, sua luminosa sombra bíblica, *A dança do fogo* é formado por poemas eróticos que, pelo tratamento alegórico e "elevado", conseguem distanciar-se da pornografia chã, "adolescente", da maioria dos poetas que enveredam por essa temática. Não se está condenando a crueza necessária de toda magnífica tradição erótica que se espalha da prosa à poesia, dos gregos a Sade, de Petrônio a Henry Miller – mas, aqui, as motivações e os objetivos são outros. Trechos como:

*Em certas noites, tu, cristã submissa,
aprende a desatar os nós da carne.*

*Depois, adora a Deus, alucinada,
e dá-Lhe de beber em teu marido. (p. 38)*

ou

(...) mesmo num amor tão curto e raso,

*seus corpos, rumorosos de paixão,
tinham tocado Deus por puro acaso. (p. 62)*

mostram o cruzamento feito por Trevisan tendo por modelo o *Cântico* (que se manifesta em versos como “porque teus peitos são melhores do que o vinho” ou “O meu amado meteu a sua mão pela fresta, e as minhas mãos estremeceram ao estrondo que ele fez”). A Armino Trevisan agrada a definição algo anacrônica de poeta cristão (corre longe o tempo de Jorge de Lima e Murilo Mendes, poetas em Cristo): em sua poética, o eros pagão é anulado – ou, talvez, subsumido, ainda pulsante – pela concepção do desejo como forma de adoração a Deus, como caminho para fomentar um encontro com o Criador.

Esse objetivo em certa medida transgressor (religiosidade e desejo são usualmente percebidos como elementos imiscíveis) não elimina a contradição essencial que o habita – contradição sintetizada na renúncia e na culpa tão características da tradição judaico-cristã. No poema *Sobre as plumas*, por exemplo, Trevisan pergunta como pode amar a “carne” se ela é

*esse fogo que lavrava forte
nos campos e cidades, semeando
vitríolo e estrume com a mão da morte? (p. 22)*

Os mesmos sentimentos paradoxais também aparecem quando a temática erótica mescla-se à preocupação social (releve-se a ingenuidade da equação *acabar com a fome = lutar pela democracia*):

*Ao ver, depois do amor, sobre a toalha
o pão abrir os olhos à sua fome,
e o vinho rir de dentro da garrafa,
maldisse a fome e a sede que roíam
a carne dos irmãos. E prometeu
lutar pela democracia, a expensas
dos membros inflamados de alto gozo. (p. 21)*

Significativamente, *A dança do fogo* se encerra com o *Ciclo da lâmpada* – lâmpada que é fogo (o amor camoniano, “que arde sem se ver”) aprisionado, dança clausurada, desejo concentrado, mas que, ao mesmo tempo, é a reversão irônica da lanterna do filósofo cínico:

*Diógenes buscava em pleno dia,
com sua lanterna, um homem em Atenas:

quem não persegue uma mulher (apenas!)
na nossa insensatez de cada dia?*

É essa ironia que, em outros passos, faz falta para diluir o tom excessivamente “elevado” – afinal, arte é tensão entre permanência (tradição) e renovação (ruptura); e o que se pretende elevado, às raias do sublime, depois do Modernismo muitas vezes corre o risco de se tornar tão-somente enfatuado. Não é o que ocorre em *A dança do fogo*, mas em muitos poemas o limite entre uma e outra atitude ameaça esfumaçar-se. Os poetas de nossa época não podem esquecer que a releitura das formas e temas do passado, se se pretende legitimamente contemporânea, tem quase a obrigação de ser irônica. Só assim a criação atual parece ter alguma chance de não se deixar sepultar imediatamente sob a massa inabarcável e a estatura gigantesca do passado literário da humanidade.

Ao uso da ironia como artifício de desvio do curso da tradição, Armindo Trevisan soma sutis jogos sonoros e metáforas dissonantes. Escreve Trevisan, por exemplo:

*Não é um templo grego, mas um par
de leopardos, que vai contigo ao mar. (p. 48)*

A rigidez das colunas clássicas dissolve-se belamente no movimento felino em que se converte o andar da mulher amada. As ressonâncias se multiplicam, quebrando a fixidez da rima seca “par/mar”: note-se o “par” se movimentando em “leoPARdos”, a repercussão toante de “templo” em “grego” e o eco suave dessa última palavra em “contiGO”. Ou, ainda no plano sonoro, sinta-se o efeito refinado entre “sopra” e “sua roupa” rompendo a rima pobre “fugindo/abrindo”, em *Ela se despe* (p. 13). São mais do que efeitos: são procedimentos a serviço de uma poesia madura, e encontram-se no cerne da dialética entre materialidade e espiritualidade que permeia a maioria dos poemas de *A dança do fogo* e os aproxima da obra dos metafísicos ingleses.

O livro de Armindo Trevisan foi agraciado com o Prêmio Aplub de Literatura do ano de 1997 – prêmio que, em edição anterior, também dedicada à poesia, contemplara *Prosas seguidas de odes mínimas*, de José Paulo Paes. Com *A dança do fogo*, a obra poética do autor, iniciada em 1967 com *A surpresa do ser* (reeditado em 1995), chega a seu ponto mais alto. Talvez alguns leitores a desconsiderem devido a algum tolo preconceito contra a literatura de raiz religiosa (Jorge de Lima e Murilo Mendes ficaram em quarentena crítica durante anos). Pior para esses leitores: terão de descartar também vasta porção do que de melhor se produziu em todos os séculos, da Bíblia a Hopkins e além.

Eduardo Sterzi
Mestrando em Letras da PUCRS